
CLICHÊ: ESSE AZUL DE NOTURNO MAR
por Diógenes Moura, 2015

A imagem do Cristo Redentor “visto” por trás de uma nuvem/neblina torna-se um quase símbolo para a série de imagens que Edu Simões reuniu para “exibir” como um álbum de memórias muito privada de uma cidade, o Rio de Janeiro, os seus dias, as suas glórias de “cidade maravilhosa”, os tênues limites que todo fotógrafo encontra justamente para não tornar clichê o que já é clichê: mar, pores de sol, contra planos, corpos em busca de uma perfeição que o tempo se encarregará de desfazer. Então a imagem do Cristo desaparecido nos força a olhar para dentro da cidade, num silêncio quase sagrado, numa busca cada vez mais à procura de um significado. Ali tão fluído e ao mesmo tempo quase imperceptível. O Redentor desaparecido.

Clichê seria um ensaio imagético e líquido se não fosse literatura, desde que o fotógrafo começou a percorrer pelos cantos da cidade, durante onze anos, os passos das palavras, da poesia, das crônicas, dos romances, da vida, da arte e da morte muito além da morte de Clarice, Cony, Drummond, Rubem, Machado, Millôr. Todos na primeira pessoa, todos com nome próprio. Não conheço destino mais cortante que esse: fotografar a palavra do outro. É quase um suicídio. Também poderá se tornar uma epifania. Como traduzir “eu” para uma imagem? Como traduzir “tu” para a imagem seguinte? Como tornar visível o fluxo que sopra em “quando digo eu quero dizer tu”? Como perceber a epiderme da cidade que encontra a pele e os músculos da palavra? Mais uma vez o fotógrafo caminha e vai descobrindo sua própria linguagem, a garganta das coisas.

Onze anos se passaram e o fotógrafo ali, vendo a ponte desaparecer em diagonal futurista entre homem, espaço, concreto, musgo e passagem numa busca perplexa pela arquitetura. O roteiro geográfico que se repete e repete e repete interior e exteriormente. Por que queremos que os outros vejam o que a gente viu? Não basta ver, cada um do seu jeito? Aqui não. Nada sossega a fotografia que busca a palavra. Não há descanso na voz interior do fotógrafo quando ele se depara com o elefante que é como a página de uma missiva com rumo certo. Quando a borboleta amarela sobrevoa o passado é como literatura.

A representação de cavalos rompantes é como literatura. Os bustos clássicos decadentes são como literatura. Estar num lugar à beira do tempo e tão exclusivamente poderá se tornar uma fotografia. Mesmo assim, não é a imagem que traduz a palavra. Edu Simões e os dois lados da luz diagonal. O fotógrafo ao meio. Como Clarice, a atração pelo instante. O feminino incontido. O sujeito estarrecido. Esse modo “torto” de olhar o mundo. Ela aqui. Ele aqui. O clichê desaparecido: o Redentor paira sobre a cidade. O clichê isolado pela lente. Sim, poderá ser a imagem que traduz a palavra. Tudo contamina.

Texto de Diógenes Moura para a exposição individual Clichê / Rio de Edu Simões na galeria Marcelo Guarnieri em 2015.

Karimu por Edu Simões

Estas imagens foram feitas durante minha terceira e mais demorada visita a Angola. Foram 15 dias de convivência, que me remeteram fortemente à primeira viagem feita fora do meu Estado, no final dos anos 70, quando visitei Salvador e o interior da Bahia.

O poeta angolano Arlindo Barbeitos diz que “o brasileiro que conhece a história da África conhece um pouco a sua história [...], porque ela é uma parte do passado, também do seu país”.

Nós, os brasileiros, devemos visitar estas imagens como se estivéssemos diante de um espelho ancestral, ainda que enturvado pelo tempo. Da mesma forma, os angolanos, os africanos em geral e também o resto do mundo.

Somos, praticamente, todos filhos do tráfico negreiro e do escravagismo. Essa terrível prática transformou o mundo como um todo a partir da segunda metade do século XV e perdurou, no Brasil, até 1888. Por essa prática foram feitas inúmeras guerras. Por essa prática foram elaboradas retóricas filosóficas e religiosas.

Karimbo (no Brasil, carimbo), derivado da palavra karimu, significa “marca” em quimbundo, a principal língua falada em Angola ainda hoje, depois do português. Ka = prefixo diminutivo e rimu = marca.*

No contexto do tráfico negreiro, Karimbo era o ferrete oficial, feito de prata ou ferro, esquentado em brasa, com que se marcavam os negros no momento do embarque, no ato da cobrança dos direitos de exportação. Um ritual macabro de legalização e inclusão do escravagismo no sistema comercial europeu.

Carimbo e marca são duas palavras muito instigantes e significativas para se pensar a constituição africana na identidade do povo brasileiro, ou seja, a minha (nossa) própria identidade, por mais branca que pareça a minha (nossa) pele. Ou não.

Essa pele negra, marcada a ferro quente, chegou ao continente americano para se misturar à pele indígena nativa. E ambas ao europeu português, na maioria das vezes, através do estupro, indistintamente.

Somos todos pretos e índios.

Indistintamente.

* Luiz Felipe de Alencastro (O Trato dos Viventes, Cia. das Letras)

Texto de Edu Simões sobre seu trabalho Karimu.

“Gastronomia” por Edu Simões

No ano de 2004 visitei alguns prédios em construção na cidade de São Paulo, e lá, pedi para que os operários me deixassem fotografar suas marmitas.

Ainda que famintos, a maioria, pacientemente permitiu.

Era hora do almoço e, como é costume no Brasil, cada um deles, ao sair de casa de madrugada, havia trazido consigo sua marmita.

Em geral, estas refeições são preparadas por suas mulheres ou algum familiar.

Podemos pensar que ao se levantar de madrugada para fazer a marmita do outro, essa mulher está exercendo uma comunicação muito especial com o marido (na maioria das vezes). Podemos imaginar o quanto de amor, (ou a falta) é percebido no simples ato de abrir a marmita para saber o que eu tenho hoje para comer, que cheiro tem essa comida como que esmero foi preparada e etc.

Por mais variadas que sejam os ingredientes escolhidos, é sabido que, todas elas, têm como base o feijão e o arroz, ainda que não estejam visíveis.

Existe também uma “hierarquia de conteúdo” , ou uma hierarquia da proteína mais propriamente dita.

Se um operário abre a sua diante do grupo e revela ter trazido por cima da base alguma carne, isso quer dizer que ele está em boa condição de vida. Se ele traz miúdos de frango ou porco, está razoável.

Mas, se ele traz o famoso ovo frito, significa que seu orçamento financeiro está bem apertado.

Há na montagem de cada marmita uma expectativa de que este pequeno container possa “matar a fome” de seu dono.

Há na montagem de cada marmita uma aposta em mais um dia de trabalho duro.

Texto de Edu Simões sobre seu trabalho Gastronomia.

**“Amazônia”
por Roberto Linsker**

Numa tarde de 2008, Edu mostrava-me algumas imagens da Amazônia que produzira em anos passados. Eram lindas essas fotografias e, não por acaso, vinham acompanhadas de um desejo: viajar mais, fotografar novamente e produzir um livro sobre a região.

Amazônia. Intrincado mundo, complexo e muitas vezes impermeável a tudo que não é água. Sempre acreditei que, para se ter uma idéia minimamente válida sobre a região, era necessário equacionar de forma precisa o binômio tempo/dinheiro. Nunca há tempo suficiente na Amazônia. Na sua imensidão ela flui e escapa lentamente entre os dedos da nossa urgência.

Mas eram lindas aquelas fotografias.

Ideia abraçada e projeto no papel, o desafio então foi transformar essa distante abstração – com a chancela do Ministério da Cultura e o patrocínio da Natura – neste momento concreto que agora você folheia.

De lá para cá, entre idas e vindas, Edu viajou durante um ano, se alimentando nas bordas e entranhas dessa terra. A cada retorno nos trazia fragmentos da estranha Amazônia que impressionara os seus olhos. Uma Amazônia tão poética e própria que em alguns instantes parecia inventada.

Amazônia é um percurso sonhado por Edu Simões. Ele, o livro, até virar mar recebeu afluentes com tranquilidade, tal qual o rio retratado.

Texto de Roberto Linsker sobre o trabalho Amazônia de Edu Simões.